

Resenha

McLuhan e o cinema

McLuhan and cinema

ADRIANO BIDÃO¹
TUNICO AMANCIO²

Herbert Marshall McLuhan foi um teórico canadense especialista nos estudos sobre a influência da tecnologia na sociedade moderna. O autor da famosa frase: “O meio é a mensagem”. Segundo McLuhan, o avanço da tecnologia foi o responsável pela evolução da mídia, da sociedade e da cultura. A máquina de imprensa ajudou na disseminação da informação através dos jornais e livros. Em cada época houve formas de comunicação distintas e que moldaram o comportamento social. Toda tecnologia, já nos advertia McLuhan em sua obra dos anos 1950 **The mechanical bride**, significa constante revolução social.

Marshall McLuhan foi um grande pensador e visionário do século XX. Muitos estudiosos da comunicação buscam nele uma referência para discutir o impacto das novas mídias que estão presente no século XXI. A internet é um grande exemplo de tecnologia onde encontramos formas de recepção diferentes dos antigos meios, como o rádio e a Tv. McLuhan dividiu a evolução dos meios em três etapas: fase oral, tipográfica e eletrônica. Cada etapa representa os meios de acesso e compartilhamento da informação. Com a era eletrônica, o usuário se torna mensagem pensava McLuhan.

O Cinema faz parte do desenvolvimento tecnológico onde estavam inseridos diversos equipamentos, espectadores (usuários) e peças mecânicas presentes em outras invenções do século XIX. O Cinema foi uma consequência da modernidade. Por mais que a família Lumière acreditasse que o cinematógrafo fosse uma invenção sem futuro, o que se mostrou depois foi que o aparelho se tornou um grande meio de comunicação de massa. No ensaio, **A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica**, o ensaísta alemão Walter Benjamin escreveu como os regimes fascistas se apoderaram do Cinema para propagar as suas ideias: “A metamorfose do modo de exposição pela técnica da reprodução é visível também na política. A crise da democracia pode

ser interpretada como uma crise nas condições de exposição do político profissional.” (BENJAMIN, 1996, p.183). Em um sentido próximo a Benjamin, McLuhan também pensava nas crises, abalos perceptivos que os meios trazem.

A televisão e a internet surgiram depois do Cinema, mas ambas tecnologias fazem parte do mesmo desenvolvimento contínuo tecnológico que termina nas imagens reproduzidas em um aparelho de celular. Para McLuhan, todos os meios de comunicação são extensões do homem e para continuar evoluindo devem atender cada vez mais a demanda do acesso à informação tornando-se mais rápidas, práticas e eficientes.

No livro bilíngue (português/inglês) “McLuhan e o Cinema” (Editora Verve, 2017) Wilson Oliveira Filho flana com e por entre um cinema onde é possível encontrar muitos dos pensamentos e da teoria do filósofo canadense. Wilson vai além dos filmes e chega no youtube e nas performances ao vivo (live cinema). O livro é dividido em sete capítulos e em cada um o autor estabelece um diálogo entre McLuhan e outros filósofos importantes, como o já citado Walter Benjamin, Nietzsche, Francis Bacon, Descartes, Deleuze entre outros.

No capítulo 1, **A câmera flinando como extensão do homem: McLuhan estendendo Vertov**, Wilson aborda o filme do cineasta russo **O homem com uma câmera (1929)** e como o conceito que Vertov propõe “o cinema olho” trata a câmera como extensão do olho humano, explorando as sensações da cidade moderna: “O *flâneur* operador de câmera é também uma espécie de detetive e jornalista (documenta a vida da massa), mas também é professor que dirige pela cidade o olhar, que ensina o espectador as potências amplificadas das lentes” (OLIVEIRA FILHO, 2017 p.41). O filme trata também da relação entre homem, máquina e trabalho que foi estabelecida na modernidade. Vertov também era compositor e o filme é acompanhado de uma sonoridade idealizada por ele. Sendo pensado para ser ouvido. Uma sequência do filme que mostra a plateia sentada na poltrona esperando o filme começar é uma previsão do modo de interatividade entre espectador e mídia.

O capítulo 2, **“Tommy can you hear me”: a memória, as sensorialidades e as extensões** nos permite pensar o cinema como arte ou técnica da memória e como a questão sensorial discutida por McLuhan está presente em filmes que mesclam várias formas de interação como jogos de vídeo game, televisão e mídias sonoras. O protagonista

do filme **Tommy (1975)** não vê e não ouve por causa de traumas da infância, porém ele acaba embarcando em uma aventura sensorial. Embora seja comum pensarmos que temos apenas 5 sentidos (tato, olfato, paladar, visão e audição) já se foi comprovado pela ciência que temos 26. Se a teoria de McLuhan de que os meios são extensões do homem, provavelmente as maneiras de se explorar as outras sensorialidades no Cinema poderão estar presentes daqui há alguns anos ou décadas. O próprio cinema 4d e novas atrações apelam a uma sinestesia e a imbricação dos sentidos.

O capítulo 3, **Personagens e objetos mcluhanianos em David Cronenberg** traz filmes do diretor também canadense. Personagens que foram inspirados nas teorias de McLuhan como: **Videodrome (1983)**, **Scanners - sua mente pode destruir (1983)** e **Crash (1996)** nos quais fazem referências ao VHS, TV e como corpo humano se integra a esses objetos tecnológicos. O próprio diretor revela que o personagem de **Videodrome** foi inspirado nas teorias do filósofo.

A participação do Marshall McLuhan interpretando ele mesmo em **Noivo neurótico, noiva nervosa (1977)**, de Woody Allen faz parte do capítulo 4, **“Se a vida fosse sempre assim”: A tela é a mensagem**. Wilson discorre sobre a mistura entre ficção e realidade no Cinema. Quando McLuhan aparece em uma cena do filme, o personagem Alvy (interpretado pelo próprio Allen) está incomodado com um cara metido a intelectual e falante na fila e que critica a teoria de McLuhan de forma rasa, Alvy se irrita e pergunta para o próprio McLuhan sobre o que ele achava de tudo aquilo. McLuhan desqualifica a explicação do intelectual, dizendo que ele não entende nada de suas teorias. Nesta sequência há a quebra da chamada quarta parede, falando diretamente com o espectador. Além da participação de McLuhan em **Noivo neurótico...**, o capítulo aborda também filmes como **Dorminhoco (1973)** e **A era do rádio (1987)**, filme homenagem ao tambor tribal – como McLuhan se referia ao rádio – no qual esse veículo é um instrumento de memórias e que hoje em seu desdobramento tecnológico resultou em podcasts e spotify, por exemplo.

No capítulo, 5 - **Documentário para além do retrovisor: Sobre McLuhan's Wake** que trata da própria biografia do filósofo através de um documentário, o autor aborda a adaptação da sociedade com o meio novo. A ideia de McLuhan sobre olhar pelo retrovisor não significa olhar para o passado e sim para o que está por vir além. Um futuro

previsível. A nostalgia de lembrar o passado faz com que algo se realize no futuro como compensação da saudade. O estudo sobre as leis da mídia que Marshall McLuhan e seu filho Eric fizeram em obra não traduzida para nossa língua são também abordadas nesse capítulo.

O youtube é um arquivo de memória como descrito no capítulo **6, A memória-em-rede: Youtube, um arquivo mcluhaniano para além das imagens e das coisas**. Além disso, ele pode ser pensado como colecionismo e performance, visto que podemos colecionar os vídeos que desejamos e que pessoas fazem performances no canal proporcionando novas opções de mídia que colocam a TV e o rádio como mais uma das opções e não mais como meios dominantes de comunicação. Ele é mais democrático, porque o espectador também é o criador. Muitos o consideram como a decadência da linguagem, porém é necessário saber explorar as potencialidades do youtube como nova forma de expressão artística.

A morte do Cinema tem sido novamente muito discutida depois do advento do streaming, porém o que se comprova é que o Cinema transcende através de outras formas de expressão. É sobre isso que se trata o capítulo **7 McLuhan-Performer: Estendendo/entendendo o cinema ao vivo**. As performances ao vivo (live cinema) estabelecem uma nova relação com o espectador. Neste capítulo, Wilson Oliveira vai contracorrente de muitos pensadores que tratam o cinema como morto. Com as performances ao vivo, o Cinema deixou apenas de ser um espaço específico onde filmes são projetados em uma tela dentro de uma sala escura. Estão cada vez mais comuns as projeções de filmes ou imagens em fachadas de edifícios e monumentos. Tudo faz parte de uma evolução e de novos arranjos e ambiências midiáticas.

O livro "McLuhan e o Cinema", prefaciado por Eric e Andrew McLuhan (filho e neto de Marshall McLuhan respectivamente) foi lançado em 2017. Foi justamente no ano que despontaram dois importantes episódios para o cinema ao vivo. O diretor Francis Ford Coppola lançou seu livro **Live cinema and its techniques** em que narra suas experiências e projeto de um filme em tempo real e o ator Woody Harrelson dirigiu pela primeira vez um longa metragem exibido ao vivo. O filme **Lost in London** se passa em várias locações diferentes de Londres. Ele contou com um grande aparato tecnológico que incluía câmeras até sinais de transmissão usadas em partidas de tênis. Em uma entrevista, o ator e diretor disse que ninguém ainda tinha sido tão

estúpido para rodar um filme desta maneira. Coppola e Woody Harrelson podem ter aberto um novo meio que futuramente poderá ser comum e dialogará com as ideias de McLuhan. Como escreveu Wilson na conclusão do livro:

“O cinema existe e resiste em meios e a novos cinemas que se delineiam, o mecânico (agora digital) que McLuhan dizia se comparecer ‘como orgânico e o crescimento de uma flor pode ser ilustrado tão fácil e livremente como o movimento de um cavalo’.(MCLUHAN, 2002, p.319). Cavalemos entre flores nesse mundo cinema que se descortina entre novas possibilidades para si e para tantos outros meios.”

NOTAS

1. Mestrando em Cinema e Audiovisual na Universidade Federal Fluminense (UFF) com a pesquisa: A flânerie no cinema – filmes como uma experiência das cidades. Graduado em Cinema pela Estácio de Sá, roteirista, autor do livro de contos: “Reflexões Delirantes”, pela Editora Multifoco.

2. Antonio Carlos (Tunico) Amancio possui graduação em Comunicação Social Cinema pela Universidade Federal Fluminense (1973), mestrado em Comunicação e Artes pela Universidade de São Paulo (1984) e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1998). Professor aposentado da Universidade Federal Fluminense, tem experiência na área de Artes e Comunicação, com ênfase em Cinema, atuando principalmente nos seguintes temas: cinema brasileiro, representação cinematográfica, estereótipos cinematográficos, análise cinematográfica e cinema latino-americano. Coordenou o Laboratório de Investigação Audiovisual da UFF, onde produziu material pedagógico sobre cinema e desenvolve atividades de extensão, como o Cineclubes Sala Escura. Organizou com Marina Tedesco a coletânea Brasil-México: aproximações cinematográficas, e mais recentemente Argentina Brasil no cinema: diálogos. Publicou O Brasil dos Gringos: imagens no cinema e Artes e Manhas da EMBRAFILME, além de vários artigos em revistas nacionais e estrangeiras. O Brasil dos Gringos se transformou, pelas mãos de Lucia Murat, no documentário de longa metragem Olhar Estrangeiro, em 2005, do qual Amancio foi co-roteirista. É curta-metragista (Eu sozinho, 1978, Roberto Rodrigues, 1987, Uns e Outros, 2002, além de trabalhos em vídeo). Foi Vice-Presidente da SOCINE no período de 2013/2015